

REVISTA

FAROL

FACULDADE ROLIM DE MOURA

ISSN Eletrônico: **2525-5908**

www.revistafarol.com.br

O papel da família e da escola: processo de educação sexual dos filhos

Michelly Kallyne Neves Dias

Antônio Carlos Zandonadi

O PAPEL DA FAMÍLIA E DA ESCOLA: PROCESSO DE EDUCAÇÃO SEXUAL DOS FILHOS

Michelly Kallyne Neves Dias¹
Antônio Carlos Zandonadi²

Resumo: O presente trabalho trata-se de uma revisão de literatura que objetivou investigar os impasses e desafios no desenvolvimento da educação sexual dos filhos por parte de pais e educadores, bem como discutir a relevância da educação sexual na formação dos jovens. Os resultados evidenciados a partir de diferentes estudos demonstram que muitas famílias privam seus filhos da educação sexual, pelo valor negativo atribuído a sexualidade, por considerarem que o diálogo antecipa a prática sexual e por se sentirem despreparados e tímidos em tratar do assunto. Evidenciou-se que nas escolas a educação sexual tem ocorrido de forma limitada, a qual aborda apenas os aspectos biológicos e reprodutivos do indivíduo, negando assim, que essa prática possa ser saudável e prazerosa. Desta forma, os resultados apontam para a necessidade de que a educação sexual seja iniciada em casa e seja complementada na escola, para que possam suprir o despreparo e as dificuldades dos pais em relação ao tema e ajudar os adolescentes a enfrentar as dúvidas e ansiedades.

Palavras-chave: Sexualidade. Jovens. Educação. Escola.

THE ROLE OF THE FAMILY AND SCHOOL: SEXUAL CHILD EDUCATION PROCESS

Abstract: The present work is a review of the literature that aimed to investigate the impasses and challenges in the development of sexual education of children by parents and educators, as well as discuss the relevance of sex education in the training of young people. The results evidenced from different studies show that many families deprive their children of sexual education, because of the negative value attributed to sexuality, because they consider the dialogue to anticipate the sexual practice and because they feel unprepared and shy in dealing with the subject. It has been pointed out that in schools sex education has occurred in a limited way, which only addresses the individual's biological and reproductive resources, thus denying that it is a formula for the offer of seriousness and pleasure. Thus, the results point to the need for sex education to be initiated at home and be complemented in the school, so that it is premature or unprepared and as parents' difficulties in relation to the topic and help adolescents to cope with doubts and anxieties.

Keywords: Sexuality. Youth. Education. School.

INTRODUÇÃO

No processo de desenvolvimento, a adolescência é marcada como uma fase de tensão, devido a muitas mudanças físicas e biológicas, concomitantes psicológicas e sociais, sendo estas próprias da fase.

A adolescência necessita de um olhar particular e um cuidado zeloso, visto que é uma fase da vida que possui suas próprias características, marcada pela transformação da infância para a vida adulta, com mudanças físicas e emocionais, ampliação no campo da socialização,

¹Acadêmica do décimo período do Curso de Psicologia da Faculdade de Rolim de Moura – FAROL, E-mail: mixelly.psi@gmail.com.

² Professor do curso de graduação em Psicologia da FAROL – Faculdade de Rolim de Moura. E-mail: zandonadipsicologo@hotmail.com.

um desenvolvimento não tão claro de suas próprias experiências e independência, e até mesmo no campo da sexualidade. Ainda que esta fase da vida tenha características específicas, cada sujeito a vivencia de forma diferenciada, em cada sociedade e em seu determinado tempo (CAMPOS, 2011).

A família se torna uma ferramenta essencial para a educação sexual dos seus filhos, pois são eles que ajudam na formação da identidade, uma vez que com eles se aprendem valores, tanto no desenvolvimento social, intelectual e emocional.

Segundo Vilelas-Janeiro (2008), para que ocorra uma transformação nas atitudes dos adolescentes em relação à sexualidade, é preciso levar em consideração o modo como a educação sexual é abordada, tanto com os familiares quanto com a escola. Os pais precisam tratar os assuntos mais íntimo e profundo, já a escola deve trabalhar mais planejado e sistemático, tratando assuntos de cunho social e convívio entre ambos os sexos. Desta forma, pais e escola necessitam trabalhar em conjunto, de modo a auxiliar o enfrentamento das crianças perante essas demandas.

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa bibliográfica do tipo descritiva. Para a sua realização, foram consultados diferentes documentos (livros, resumos, teses, dissertações e artigos científicos) que abordam aspectos ligados à educação sexual no contexto familiar e escolar. Especificamente, para a busca dos artigos científicos, o banco de dados SciELO foi consultado com os seguintes descritores de pesquisa (palavras-chave e/ou delimitadores), escritos em português, separados ou em conjunto, foram utilizados: “educação sexual”; “sexualidade”, “família” e “escola”.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 Sexualidade e adolescência

A sexualidade é parte da vida de todas as pessoas, ainda que velada ou até mesmo mal resolvida por algumas, esta ainda é considerada um tabu de opiniões e discriminação, com o qual os adolescentes se sentem sufocados em expressar/expor suas dúvidas e expectativas acerca do assunto (ALMEIDA; CENTRA, 2005).

De acordo com Shaffer (2005 apud WITTER; GUIMARÃES, 2008), a sexualidade engloba pensamentos eróticos, ações e orientações e desempenha um papel ativo na adolescência. Esta é a fase de transição que se percebe as maiores diferenças de

comportamentos, sendo assim, de modo inconsciente, estes adolescentes começam a abandonar seus costumes infantis por uma identidade adulta.

A sexualidade ultrapassa os aspectos biológicos e reprodutivos. Ela é parte integrante da personalidade e envolve todo o comportamento do indivíduo e expressa-se numa diversidade grande de manifestações, tais como: carícias, beijos, abraços, olhares, sentimentos, afetos, fantasias, desejos, sonhos e prazer (SOUZA, 2002).

A sexualidade é a estruturação para a formação da identidade adulta, é na fase da adolescência que ele irá buscar essa afirmação. Sendo assim, Ribeiro (1993) designa o termo sexualidade à condição de ter sexo, a ser sexuado. Deste modo, a condição da sexualidade humana é:

[...] inevitável, inexorável e irremovível. Em nenhum momento de sua existência a pessoa encontra-se isenta de sexualidade. Desde o nascimento, a criança-fêmea e a criança-macho passam a receber influências socioculturais da família (ou instituição que a substitua), ampliando o conceito de sexualidade para o chamado sexo da criação. Assim, passam a existir “meninas” e “meninos” onde havia “fêmeas” e “machos” respectivamente (RIBEIRO, 1993, p. 413).

Nesta mesma perspectiva, Silva e Frutuozo (2015), discorrem que o ser humano nasce com um sexo, mas os comportamentos, os desejos e os sentimentos têm uma conexão direta de como as relações de gênero estão organizadas na sociedade, uma vez que, a sexualidade não pode ser evitada pelos seres humanos, pois o acompanha desde o nascimento. Contudo, é na adolescência que ela começa a ser vivenciada com mais intensidade.

Em se tratando da adolescência, Osório (1992 apud CANO; FERRIANI; GOMES, 2000), sublinha que é uma fase de vida em que a personalidade está na fase final de estruturação e a sexualidade está inserida nesse processo, por que é o principal elemento estruturante da identidade do adolescente, ou seja, esta fase é uma das primeiras formas de classificação do mundo social para eles.

A vida sexual dos adolescentes, atualmente, tem se iniciando mais cedo e os jovens precisam e estão dispostos a tratar a sexualidade de forma consciente e responsável (MORAIS; MORAIS, 2012). Concordando, Soldatelli (2006), diz que mesmo jovens confundidos sobre sexo e sexualidade podem iniciar a atividade sexual precocemente, em comparação com adolescentes de outras gerações.

Neste viés, os autores Costa, Pacheco e Silva (2007), destacam a necessidade de aprofundar o conhecimento da influência que a sexualidade desempenha na vida dos adolescentes. Tal demanda está atrelada, principalmente, pelas dificuldades que os adultos

têm em dialogar sobre esse assunto. Para esses autores tais dificuldades decorrem porque os adultos interpretam as atitudes sexuais dos adolescentes a partir de sua perspectiva pessoal e não sob a ótica que os adolescentes têm do mundo e da própria vida.

2.2 Conceitos diversos da educação sexual e o papel dos pais

A educação sexual consiste em oferecer as condições para que as pessoas se encontrem no corpo e na sexualidade com atitudes positivas, livres de temor, prejuízo, culpas, vergonha, bloqueios ou tabus (ARAUJO et al., 2015). É importante perceber que a educação sexual não significa simplesmente explorar conceitos e exemplos sobre o sexo ou desejos sexuais. Na medida em que se fala de sexualidade devem falar sobre intimidade e relacionamentos emocionais (MOIZES; BUENO, 2010), considerando-se, que a mesma implica afeto, intimidade, emoção, sentimento e bem-estar.

Portanto, a educação refere-se a um conjunto de valores éticos, comportamentos, ensinamentos e ideologias, que são transmitidos pelo ambiente familiar e social, incluindo as influências da cultura, amigos da escola e os meios de comunicação (rádio, TV, revistas, etc.).

Educação sexual é um conjunto de informações desenvolvidas de forma assistemática sobre a sexualidade. Logo, esta deve ser realizada pela união das diversas instituições educativas, como escola, família e instituição religiosa. Todos nós somos educadores sexuais; assim, todas as pessoas são educadas sexualmente (ALMEIDA; CENTRA; 2005, p. 73).

Suplicy (1991) defende que a educação sexual começa no útero e acaba apenas com a morte, é um processo contínuo, ou melhor, é através disso que forma-se opiniões, e livram-se das coisas que foram superadas em nós e, ao mesmo tempo, transformam pensamentos (apud RIBEIRO; 1993). Baseado neste viés, esta educação é transmitida pelos pais para seus filhos, por meios de atitudes, gestos ou ideias, que permite ao indivíduo modificar conceitos e comportamentos (ALMEIDA; CENTRA, 2005).

A família, segundo Dessen e Polonia (2007), é a responsável por promover a aprendizagem humana com seus próprios significados culturais e práticas que produzem modelos de relacionamento interpessoal e a construção individual e coletiva dos mesmos; imediatamente das experiências e os acontecimentos dentro da família, originam a formação de repertórios comportamentais, ou seja, de ações e resoluções de problemas.

Seguindo a mesma linha de pensamento, Jesus (1999) ressalta que é no ambiente

familiar que se inicia a comunicação para a socialização do adolescente, auxiliando-o à suas próprias opiniões, sendo assim, a família é o primeiro/principal construtor do caráter de uma pessoa, mais para isso a comunicação da família terá que ser bem desenvolvida por eles. O mesmo autor ainda ressalta que os pais ainda são muito omissos no sentido de não conversarem abertamente a respeito da educação sexual.

Segundo Vittello (1997 apud GONÇALVES; FALEIRO; MALAFAIA, 2013), atualmente os pais acabam omitindo-se da responsabilidade de educar sexualmente os filhos, por entender que eles ainda sejam muitos jovens para argumentar tal tema, ou seja, esses pais têm receio de estimular o início da vida sexual desses adolescentes. Guimarães, Vieira e Palmeiras (2003) esclarecem que a educação sexual quando argumentada pelos pais, nem estimula e nem antecipa a vida sexual desses jovens, sendo, que após serem esclarecidas as dúvidas, acaba atrasando a vida sexual, pois eles tendem a ser mais responsáveis ao assumirem tal ato.

Desse modo Souza (2002), acrescenta que, paralelamente ao papel da família a escola também tem papel fundamental neste processo, pois quando a escola e a família não se completam na ação educativa, não existe programa de orientação sexual capaz de trazer o benefício e o aproveitamento total do que se propõe.

Nesta perspectiva, discorrem-se a seguir sobre o papel da escola na educação sexual dos adolescentes.

2.3 A escola como espaço para o desenvolvimento de uma educação sexual

A educação sexual é propriamente uma competência da família, pois se torna uma peça chave na identidade de gênero e no desenvolvimento dos papéis sexuais dos filhos, assim, a família e a escola têm papéis diferentes e complementares na orientação dos adolescentes, uma não substitui a outra, isto é, a escola complementa o que é iniciado em casa, suprimindo falhas, combatendo preconceitos, desenvolvendo respeito pelo corpo e pelos sentimentos (FONSECA, 2004). Sendo assim, todos são educadores sexuais, portanto, todas as pessoas são educadas sexualmente. Com base nisso, Ribeiro (1993) propõe que educação sexual é um processo ininterrupto, e é através dela forma-se opiniões, rompendo eventos que ficaram superadas dentro de nós e, ao mesmo tempo, transformam pensamentos.

Reis e Maia (2012), ressaltam que a atuação conjunta entre escola e família é fundamental se deseja ensinar sobre sexualidade. Guimarães (1995 apud REIS; MAIA, 2012),

nos lembra de que o papel que a família tem na formação sexual de seus filhos, oferecendo “educação sexual” de forma desorganizada é decisivo, apesar de ser necessário ser reconhecido e dialogado na escola, quando se pretende discutir sobre sexualidade de modo pedagógico. Nas palavras da autora:

É a bagagem da educação informal, adquirida na família e na comunidade, o ponto de partida para se pensar em Educação Sexual na escola. Os programas educacionais sobre sexo nunca vão poder ignorar, repudiar, ou mesmo antagonizar as influências primeiras na construção da sexualidade (GUIMARÃES, 1995 apud REIS; MAIA, 2012, p. 199).

As autoras acima citadas analisam que todo o trabalho de educação sexual deve ser conjunto, e interdisciplinar, pois a sexualidade é, também, edificada coletivamente, em uma determinada sociedade e cultura. A família deve conversar com a escola e saber ouvir e dialogar com seus filhos num processo de educação sexual emancipatório. Além disso, a escola, por meio dos educadores, deve contribuir com uma educação sexual adequada, atualizada e motivadora, inclusive fazendo o uso pedagógico das novas tecnologias da educação.

A escola possui um papel diferente na forma de educar os adolescentes em relação à família, contudo compete à escola, instruí-lo, para que possam abordar as exigências competitivas do mundo na luta pela sobrevivência. Sendo assim, é necessário saber qual o real papel dessa educação para a vida dos adolescentes. Nessa acepção Souza (2002) enfatiza que:

Educar sexualmente significa orientar a criança para que passe pelas fases de evolução de sua sexualidade de forma que sua vida afetiva se estruture de modo sadio. Ajudam a criança e o jovem a encontrar uma forma de satisfazer seus impulsos a superar as tensões do ambiente. Favorece um ajustamento do indivíduo consigo, mesmo, livrando-o da ansiedade que desvia suas energias, inclusive dos estudos (SOUZA, 2002, p. 15).

Suplicy (1991), discorre que a escola tem como objetivo passar informações concretas a respeito da sexualidade e esclarecer as informações aprendidas pelas crianças. O autor espera que essa educação sexual transmita a sexualidade com um enfoque sociocultural, ampliando a percepção do mundo para o aluno. Enfatiza que só informar não basta, é preciso apresentar atitudes positivas em relação ao sexo, para que os alunos possam perceber a sexualidade como algo positivo.

A escola deverá ter uma visão mais ampla sobre as experiências vividas pelos alunos, com a finalidade de desenvolver a busca de informações, ou seja, é ela que terá de reconhecer

que a sexualidade na educação está vinculada à vida, ao prazer, à saúde e o bem-estar; portanto o trabalho desenvolvido pela escola é para a promoção da saúde desses alunos (BRASIL, 2000).

Independente da área de formação dos professores, os mesmos devem participar para que os preconceitos/receios ligados a temática sejam excluídos. O objetivo desta educação dentro das escolas consiste em colocar este professor preparado para acolher esses adolescentes a superarem seus anseios, suas angústias e principalmente suas dúvidas acerca da temática (SUPLICY, 1991).

Apesar da importância da escola realizar um trabalho de educação sexual junto aos alunos, observa-se que são poucas as escolas que incluem em suas práticas pedagógicas a discussão de um tema tão importante e necessário como à sexualidade (BRITO; CARDOSO, 2009).

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO

Todos os artigos elencados para este estudo, os objetivos são semelhantes e tratam de investigar o papel dos pais e da escola frente à educação sexual dos jovens.

Os autores Jesus (1999), Suplicy (1991), Vittello (1997), mencionam que os pais, embasados na crença de que a conversa sobre sexo pode induzir a adolescente a praticá-lo, procuram preservar o silêncio sobre o assunto; contudo, a questão da saúde sexual deve ser abordada mesmo no início da adolescência.

Realça-se que antigamente em casa os pais não tiveram as informações necessárias quando eram jovens e, por isso, certamente, tiveram muitas dificuldades na adolescência. Desse modo a vivência sexual dos filhos mexe significativamente com a estrutura dos pais, no sentido que traz fantasmas da adolescência e que, provavelmente, na maioria das vezes não puderam ser elaboradas de forma adequada.

Porém, se os pais tiverem acesso à informação necessária, através de meios de comunicação, poderão ser grandes facilitadores na descoberta da sexualidade dos filhos, podendo orientá-los, conversar na hora das dificuldades e ouvir, não sendo meros observadores.

Outro aspecto importante em relação ao papel da família, é que os pais apresentaram grandes dificuldades com a sexualidade dos seus filhos, acabando por transferir o papel educativo a terceiros e reproduzindo formas de controle, perpetuando assim um ciclo vicioso,

por muitas gerações. Neste contexto a maioria dos pais atribui a tarefa da orientação sexual de seus filhos à escola e esta, por sua vez, apresenta dificuldade em cumprir tal tarefa, quando se deparam com professores desqualificados. Os autores Brito, Cardoso (2009) e Araújo *et al.* (2015), relatam que são poucas as escolas que incluem em suas práticas pedagógicas o assunto, a temática, pois os professores resistem muito em tomar para si qualquer responsabilidade de educar sexualmente os adolescentes.

Segundo (FONSECA, 2004), o diálogo entre a família e a escola é fundamental para o desenvolvimento da sexualidade dos filhos. Portanto, se à família cabe um relacionamento mais íntimo e profundo, à escola caberá um relacionamento mais organizado e sistemático.

De acordo com os autores Brito e Cardoso (2009) e Suplicy (1991) é necessário que a escola, reconheça que a educação sexual não se restringe ao mero aprendizado dos aspectos anatômicos e biológico do corpo humano. Compreende-se que a abordagem da sexualidade em sala de aula ultrapassa a visão biológica. Discutir essa temática significa possibilitar a discussões de sentimentos e valores. Isto demanda reconhecer que tratar da sexualidade na escola requer que os profissionais da educação repensem suas práticas e busquem formação específica para trabalhar o tema da sexualidade na escola sem preconceitos e tabus.

Os autores Almeida e Centra (2005) apontam a necessidade de compreender melhor os fatores envolvidos no exercício da sexualidade, bem como a reflexão a respeito da importância da realização de atividades de educação sexual levando em consideração as crenças, mitos e tabus, não só com adolescentes, mas, sobretudo, com seus pais, visto que os valores destes exercem forte influência no comportamento de seus filhos.

Os resultados encontrados permitem inferir que cabe a família educar e a escola orientar sem esquecer de que uma não substitui ou concorre com a outra; ao contrário, elas devem estar sempre vinculadas e completando. É pertinente ainda reportar-se que a omissão da educação sexual, por qualquer uma das partes, acaba produzindo vários efeitos e prejuízos para a qualidade de vida dos mesmos, como vergonha, medo, insegurança, infelicidade, tédio, frustração entre outros.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da pesquisa apontam a relevância de uma educação sexual adequada dentro do contexto familiar. Todavia, essa prática depende do suporte educacional ofertado pela escola. Para que este suporte ocorra, a família e a escola terão que ter uma comunicação,

para que a sexualidade seja algo claro e acolhedor aos adolescentes.

Quando ambas as instituições assumem posições antagônicas podem confundir ou mesmo desenvolver comportamentos sexuais inadequados. Os jovens demandam de informação para exercer sua sexualidade com prazer, mas de forma saudável e responsável. Tal contexto só pode ser alcançado quando a família e a escola assumirem seu papel e de formador de cidadãos éticos e responsáveis.

Reconhece-se que a colaboração da mídia na divulgação de experiências e pesquisas na área seria muito importante para a desmistificação da sexualidade. Algumas iniciativas podem ser tomadas para tornar a orientação sexual mais eficiente nas escolas, como a realização de atividades de educação sexual, focando mitos, crenças e tabus não apenas com os adolescentes mais também com seus pais, pois são eles que exercem grande influência no comportamento dos seus filhos.

Portanto, é importante ressaltar que o profissional seja preparado e seguro até mesmo quanto a sua sexualidade, para que se possa elaborar/desenvolver um trabalho de conscientização e esclarecimento para depois aplicar. Caberá ao professor iniciar um diálogo em sala, para acolher/buscar perguntas e questionamentos referentes ao tema, com o objetivo de trazer esses adolescentes a participação.

Em relação à formação inicial, é fundamental que na educação superior as faculdades e as universidades assumam a responsabilidade pela inclusão da educação sexual nos cursos em que os profissionais estão diretamente envolvidos: pedagogia, medicina, enfermagem, psicologia, serviço social, biologia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A. C. C. H.; CENTRA, M. L. A família e a educação dos filhos: implicações para a enfermagem. **Acta Paul Enferm**, v. 22, n. 1, p. 71-76, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ape/v22n1/a12v22n1.pdf>>. Acesso em: 28 jul. 2017.

ARAUJO, A. V. S. et al. O papel dos pais na educação sexual de adolescentes: uma revisão integrativa. **Revista da Universidade Vale do Rio Verde**, Três Corações, v. 13, n. 2, p. 117-128, 2015. Disponível em: <[file:///D:/Users/Usuario/Downloads/DialnetOPapelDosPaisNaEducacaoSexualDeAdolescent-es-5193278%20\(4\).pdf](file:///D:/Users/Usuario/Downloads/DialnetOPapelDosPaisNaEducacaoSexualDeAdolescent-es-5193278%20(4).pdf)>. Acesso em: 26 jul. 2017.

BRASIL. **Secretária de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília. 2000. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro101.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2017.

BRITO, D. C.; CARDOSO, I. P. Escola e orientação sexual: desafios à prática de um trabalho contínuo. **Cadernos IAT**, v. 2, n. 1, p. 62-82, 2009.

CANO, M. A. T.; FERRIANI, M. G. C.; GOMES, R. Sexualidade na adolescência: um estudo bibliográfico. **Revista latino-am.enfermagem**, Ribeirão Preto, v. 8, n. 2, p. 18-24, abr. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rlae/v8n2/12413.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2014.

COSTA, J. F.; PACHECO, Z. M. L.; SILVA, G. A. Compreendendo a sexualidade dos adolescentes. **REME- Rev. Min. Enf.**; v. 11, n. 2, p. 188-195, abr./jun., 2007. Disponível em: <<http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/334>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

CAMPOS, M. H. **O sujeito adolescente e o cuidado de si**: cenários, significados e sentidos da iniciação sexual e do cuidado com a saúde sexual e reprodutiva. Belo Horizonte, 2011. Dissertação para obtenção do título de mestre em ciências pelo programa de pós-graduação em ciências da saúde do centro de pesquisas René Rachou. (Mestrado). Disponível em: <<https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4282>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

DESSEN, M. A.; POLONIA, A. C. A. família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. **Paidéia**. Distrito Federal. v. 17; n. 36; p. 21-32, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2017.

FONSECA, H. Abordagem sistêmica em saúde dos adolescentes e suas famílias. **Adolescência e Saúde**. v. 1, n. 3, set. 2004. Disponível em: <http://www.adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=206>. Acesso em: 13 abr. 2014.

GONÇALVES, R. C.; FALEIRO, J. H.; MALAFAIA, G. Educação sexual no contexto familiar e escolar: impasses e desafios. **HOLOS**, ano 29; v. 5; 2013. Disponível em: <<https://search.proquest.com/openview/eeeb2d9f7b9ee65fe4b39260125b4363/1?pq-origsite=gscholar&cbl=1356374>>. Acesso em: 29 jul. 2017.

GUIMARÃES, A. M. A. N.; VIEIRA, M. J.; PALMEIRAS, J. A. A informações dos adolescentes sobre métodos anticoncepcionais. **Revista Latina- Americana de Enfermagem**; v. 11; n. 3; p. 293-8; mai./junh. 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rlae/article/viewFile/1767/1812>>. Acesso em: 15 ago. 2017.

JESUS, M. C. P. O significado da educação sexual na relação pais/adolescentes. **Rev. Bras. Enfermagem**, v. 52; n. 3; p. 455-468, 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003471671999000300015&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 17 ago. 2017.

MORAIS, T. R.; MORAIS, M. R. A sexualidade na adolescência como um problema de saúde pública. **Facene/Famene**, 2012; v. 10, n. 1, p. 67-74. Disponível em: <file:///C:/Users/Josimar/Downloads/A_sexualidade_na_adolesc%C3%Aancia_2012_-_1_p.67-74.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2014.

MOIZES, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. **Revista Escola em Enfermagem**, v. 44, n. 1, p.

205-212, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n1/a29v44n1.pdf>>. Acesso em: 25 jul. 2017.

REIS, V. L. MAIA, A. C. B. Educação sexual na escola com a participação da família e o uso de novas tecnologias da educação: um levantamento bibliográfico. **Cadernos de Educação**, Pelotas, v. 4, p. 188–207, jan./ fev./abr., 2012. Disponível em: <<http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/viewFile/2099/1937>>. Acesso em: 20 abr. 2014.

RIBEIRO, M. **Educação sexual**: novas ideias, novas conquistas. Rio de Janeiro: Rosas dos tempos, 1993.

SILVA, M. M. L.; FRUTUOZO, J. F. F. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. **Trends in psychology**. v. 23, n. 3. 2015. p. 677-692. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300012>. Acesso em: 28 jul. 2017.

SOLDATELLI, M. M. Educação sexual para adolescentes. In: _____. **Educação sexual e condições de ensino**: implicações na construção da corporeidade de alunos do ensino médio. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 2006. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/Biologia/Dissertacao/edsexual.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2014.

SOUZA, H. P. **Convivendo com seu sexo**: pais e professores. São Paulo. Ed. Paulinas, 2002.

SUPLICY, M. **Conversando sobre sexo**. 17. ed. Petrópolis: Edição da Autora, 1991.

VILELAS-JANEIRO, J. M. S. Educar sexualmente os adolescentes: uma finalidade da família e da escola? **Revista Gaúcha Enfermagem**. Porto Alegre (RS), set. v. 3; p. 382-90, 2008. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaGauchadeEnfermagem/article/view/6758/4063>>. Acesso em: 22 ago. 2017.

WITTER, G. P.; GUIMARÃES, E. A. Percepções de adolescentes grávidas em relação a seus familiares e parceiros. **Psicologia Ciência e Profissão**, 2008, v. 28, n. 3, p. 548-557. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pcp/v28n3/v28n3a09.pdf>>. Acesso em: 15 abr. 2014.

Recebido para publicação em agosto de 2018

Aprovado para publicação em agosto de 2018